

- EDITORIAL -

ATRAVÉS DO ESPELHO: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICA DOCENTE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

 **Gláucia Dias da Costa [Editora-chefe]**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5920-5970>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: glauucia.costa@gmail.com

 **Fernanda Müller**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8349-6915>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: f.muller@ufsc.br

 **George Luiz França**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2974-7215>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: francalgeorge@gmail.com

 **Lara Duarte Souto-Maior**

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8950-734X>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: lara.duarte@ufsc.br

 **Leomar Tiradentes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7258-7926>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil.

Contato: leotiradentes@yahoo.com.br

No conto *O Espelho*, João Guimarães Rosa estabelece um diálogo entre duas formas de observar o mundo e produzir conhecimento a partir dele. A primeira, empírica e intuitiva, é apresentada pelo personagem-narrador, um sujeito espontâneo e objetivo, que se relaciona com o mundo a partir de sua experiência e intuição. Já a segunda, teórica, abstrata e técnica, se confunde com os atributos do personagem-leitor, um homem “da

ciência”, “que sabe e estuda” e que tira suas conclusões a respeito do mundo e seus fenômenos dos livros e das explicações científicas. A narrativa se desenrola em torno de questionamentos feitos pelo narrador ao leitor acerca da veracidade das imagens refletidas nos espelhos. Para entender o espelho e seu reflexo, o narrador convida o cético leitor a ir além das “noções de física” e das “leis da óptica” e se aventurar rumo ao transcendente – “Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive os fatos. Ou a ausência deles” (ROSA, 2019, p. 69).

Apesar de reconhecer a parcela de *mistério* envolto em nossa existência, *O Espelho* não deve ser lido como uma peça do perigoso negacionismo científico de nossa época, que cria retóricas mirabolantes para deslegitimar a ciência, estimular visões preconceituosas e reforçar o medo. É o contrário disso. Nesse conto, Guimarães Rosa não pretende recusar o conhecimento científico, mas aproximá-lo à vivência cotidiana, pois a experiência prática permite aprendizados que estão para além dos livros. Para tanto, o narrador provoca o leitor a ir além da imagem imediata produzida pelo espelho. “Como é que o senhor, eu, os próximos, somos, no visível?”. O espelho cria imagens que podem ser explicadas pelas leis da óptica, mas que não nos explica por inteiro. Como ir além do reflexo visível? Como olhar e aprender a partir da imagem que temos de nós mesmos?

Em se tratando do Ensino, a dimensão prática do trabalho do professor é um dos principais pilares para a formação docente. Se nos debruçarmos na História da Educação veremos que essa é uma ideia que está posta há muito tempo, mas que vem sendo consolidada nas políticas públicas construídas nas últimas décadas. Conforme lembra Bernardete Gatti, “professor não se inventa por voluntarismos, profissionais professores são formados”. E para que essa formação seja completa, convencionou-se que “os conhecimentos dos fundamentos da educação e do campo da Didática - campo que trata do ensino, de seus fundamentos e suas práticas” – são essenciais (GATTI, 2017).

No Brasil, o reconhecimento oficial da importância da prática na formação de professores teve seu marco no ano de 1946, com o Decreto-Lei nº 9.053, que obrigava as Faculdades de Filosofia federais a manterem “um ginásio de aplicação destinado à prática docente dos alunos matriculados no curso de didática” (BRASIL, MEC, 1946). Assim nasciam os primeiros Colégios de Aplicação, que tinham por objetivo, “contribuir para as discussões sobre um modelo de formação docente que integrasse a pesquisa acadêmica, a renovação metodológica e o contato direto com práticas pedagógicas” (BIOTTO-CAVALCANTI, 2011).

Atualmente, a rede federal de ensino conta com 24 Colégios de Aplicação, presentes em 23 universidades federais. São escolas que atuam como campos de experimentação de metodologias inovadoras na educação básica e que se destacam na formação inicial e continuada de professores. Todos os anos os colégios de aplicação contribuem para a formação de futuros professores oriundos de cursos de diversas áreas de conhecimento. Embora essas instituições venham sofrendo com reduções orçamentárias, elas oferecem um ensino de excelência aos mais de 11.700 estudantes matriculados em todos os níveis de ensino oferecidos na educação básica. A propósito, como de praxe, nossa capa retrata uma cena cotidiana do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. A fotografia, feita pela professora Sara Farias da Silva, registra uma estudante trabalhando sobre sua imagem impressa em preto e branco. É um jogo de espelhos: a imagem que desvenda outra imagem e que se abre para outro universo a ser descoberto. Nesse exercício de olhar para si (estudante) e para o outro (professora), todos se transformam. Este é o sentido da teoria articulada com a prática.

Quando pensamos em formação docente, o conhecimento dos livros especializados, o debate com os autores consagrados de cada área e o contato com as teorias pedagógicas são fundamentais. Mas, por mais que esse repertório possa contribuir para a nossa

formação docente, só nos tornamos professores de fato quando estamos diante de uma sala de aula. Esse espaço é como um espelho e cabe refazermos a nós mesmos a pergunta do narrador do conto de Guimarães Rosa: como somos diante do espelho? Que reflexões podemos produzir a partir de nossas experiências enquanto docentes?

Nesta edição da revista **Sobre Tudo** reunimos textos que promovem diálogos entre a prática docente e o exercício de formação de professores. É o caso do artigo *Entre filmes, literaturas e memes: contribuições metodológicas para utilização das fontes históricas em sala de aula*, em que os autores Alexandre Ribeiro de Sousa, Ana Clara Carvalho Sousa, Carla Silvino Oliveira e Francisca Alves de Matos, articulam os conhecimentos sobre fontes históricas e Educação Histórica de Isabel Barca, na construção de um projeto de ensino implementado em turmas do Ensino Médio do Centro Educacional de Tempo Integral Mário Martins, localizado no município de Picos, PI. Assim como o artigo anterior, o texto *Estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental: o retorno ao ensino presencial*, de Juliana Ferreira Lima, Isabele Candeia da Silva e Maria Nazareth Martins, parte da experiência de um estágio que ocorreu em duas turmas dos anos iniciais de uma escola da rede pública municipal de Teresina, Piauí. Nele, licenciandas e professora de Prática de Ensino do curso de Pedagogia, relatam como contornaram o distanciamento entre o ensino acadêmico e a realidade encontrada em uma sala de aula formada por crianças em fase de alfabetização.

Em *Transformando teoria em prática: um relato de experiência de estágio em uma escola de educação tecnológica*, Bruna Zenato Corso e Fernanda Miotto relatam uma experiência que difere das duas anteriores. Embora o artigo seja também produto do Estágio Supervisionado, ele se deu em uma escola da rede particular de educação tecnológica, envolvendo turmas do primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio. Outro diferencial desse texto é que ele não narra a prática docente das autoras, mas sim do professor supervisor da escola. Isso porque, ele é fruto da disciplina de Estágio Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Química da Universidade de Caxias do Sul, no qual as licenciandas apenas observam a regência do docente da turma. Assim, nesse texto as autoras demonstram a importância do período de observação para a preparação do licenciando antes de iniciar a prática pedagógica.

O artigo *Biodanza e estados de ânimo na escola: uma experiência pedagógica*, a professora Leila Peters investiga como o Sistema *Biodanza*, que visa a integração humana com o ambiente de modo a possibilitar vivências que gerem emoções, pode ser utilizado nas aulas de Educação Física. Partindo da experiência da prática de *Biodanza*, realizada nas turmas de Yoga do 3º ano do Colégio de Aplicação/UFSC, as alterações no estado de ânimo dos estudantes praticantes.

Este número também conta com um artigo de iniciação científica intitulado *Habitação e Moradia: os espaços de residência dos alunos do Ensino Médio da UFV na cidade de Viçosa (MG)*, de autoria do estudante Eric Matheus Faria Martins e do professor Leomar Tiradentes. Nele os autores investigam como a paralização das atividades acadêmicas presenciais na Universidade de Viçosa, decorrente da pandemia do vírus SARS-CoV-2, impactou no setor imobiliário de Viçosa. Além disso, a pesquisa também tinha por objetivo identificar as formas de moradia dos estudantes do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFV. Na seção *Ensaio*, Cristiano Mezzaroba, Fabio Zoboli e Fernando Gonçalves Bitencourt refletem sobre o papel das mídias na formação da cultura jovem no Brasil contemporâneo. No texto *Juventude, corpo e saúde: questões para a educação física no trabalho com as mídias e tecnologias*, os autores propõem o uso das tecnologias digitais de informação como uma maneira de subverter o binarismo corpo e saúde, que sustenta a prática tradicional da Educação Física escolar. Por fim, esta edição se encerra com o texto de nosso autor convidado, o professor José António Pacheco, do Centro de Investigação

da Universidade do Minho. Em *Nunca subestimem um professor da escola pública. Nunca.*, Pacheco convida-nos a refletir sobre a importância social, política e histórica da escola pública e, por extensão, do docente que atua nesse espaço. Voltando à metáfora que iniciou essa apresentação, esperamos que os textos que compõem este volume contribuam para ampliar a compreensão sobre a importância da prática docente na formação de professores. Desejamos uma ótima leitura para todas e todos.

Desengavetem suas ideias:
Leiam! Escrevam! Compartilhem!

Referências:

BIOTTO-CAVALCANTI, Patrícia. Escolas de Aplicação: Proposta de formação docente a ser conhecida – levantamento bibliográfico e atualização de dados. *In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300877621_ARQUIVO_TEXTOANPUH2011.pdf. Acesso: 12 dez. 2024.

BRASIL, **Decreto-Lei Nº 9.053**, DE 12 DE MARÇO DE 1946.

GATTI, Bernardete A. Didática e formação de professores: provocações. *In: Cadernos de Pesquisa*. 47 (166). Fundação Carlos Chagas, São Paulo, Oct-Dec 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/h9mXZyNRkNkb5Sy9KriTrwz/#> Acesso em: 20 dez. 2024.
ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. São Paulo: Global, 2019.